

① Entre as noções mais difundidas de globalização, como um fenômeno do final do século XX, tem-se a imagem de homogeneização sociocultural, espacial e política e econômica. Atrelado a este discurso globalista estaria a ~~manifestação~~ defesa de uma ideia relacionada a dissolução de identidades locais, tanto econômicas como culturais. Entretanto, conforme já destacado por autores que têm se debruçado sobre essa temática, como o Geógrafo Milton Santos, cada lugar é ao mesmo tempo objeto de uma razão local e uma razão global, convivendo dialeticamente. É no lugar que a cultura vai ganhar sua dimensão simbólica e material, combinando matrizes globais, regionais e nacionais. A globalização, então como um meio técnico-científico informacional é um conjunto de ações que interligam países em temas culturais, econômicos, políticos e sociais, o que, entretanto, não é sinônimo de homogeneização.

Como parte das características econômicas a serem destacadas, a globalização se fundamenta por meio de uma vasta rede, formada por fluxos e fluxos, através principalmente da velocidade das informações, que se materializam por meio das redes de computadores, de transporte e pelo fluxos de capitais e pessoas.

Conforme destacou Milton Santos em sua obra intitulada a Natureza do Espaço, a informação é o vetor principal do processo social e os territórios são equipados para facilitar a sua circulação. Os espaços, assim requalificados, atendem sobretudo aos interesses dos atores hegemônicos da economia e da política e são incorporados plenamente às novas correntes mundiais. Assim, destacou o autor, o meio técnico científico informacional é a cara da globalização.

Também ressaltando o papel dos fluxos, Ruy Moreira considera que a globalização é uma revolução que se passa na esfera da circulação, sendo ela técnica, calcada na mistura de física, química, linguística e biologia molecular, onde o computador ocuparia lugar central, diferente da máquina paradigmática das Revoluções Industriais precedentes.

A partir da análise de tais esferas de circulação, que contemplam diferentes fluxos e fluxos distribuídos em diferentes escalas, faz-se necessário a reflexão em torno do território na era ~~sim~~ técnico-científico-informacional.

Autores como Haesbaert, Castells e Marcelo Lopes Souza, propõem que dinâmicas e acontecimentos recorrentes de nossa ^{era} sejam analisados a partir de

de uma perspectiva de território-rede e pelas multiterritorialidades. Nesse sentido, a implantação cada vez mais e mais múltipla dos meios de comunicação e transporte, permitiu com que a produção industrial tomasse novas formas e características, através de um modo flexível de produção, tendo como consequência, novos arranjos espaciais reordenados por uma nova Divisão Internacional do Trabalho (D.I.T), ocorrendo, nesse sentido, uma pulverização de multinacionais e transnacionais pelo mundo, articuladas sob a forma de ~~novas~~ novas territorialidades e interligando diferentes formas de comunicação e circulação através de território-rede. Rede esta como um sistema integrado de fluxos, pontos, nós e arcos.

Assim, conforme encontrado nos estudos realizados por Castells, se por um lado a globalização impõe um processo de homogeneização dos espaços locais, políticos, sociais e culturais, por outro, propicia relações oriundas de novas práticas sociais, podendo ser um embrião de mudanças socioculturais. Verifica-se, portanto, que o território é peça-chave para os estudos de globalização, uma vez que esta, ao contrário de homogeneizar, como pretendido pelo discurso globalista, cria novas formas de manifestação de identidade, que se expressam em diferentes escalas, acompanhada muitas vezes de novas territorialidades, articuladas através dos chamados território-rede, território este que, ao mesmo tempo é contínuo e descontínuo, é funcional e simbólico.

② A reorganização da Nova Divisão Internacional do Trabalho, impulsionada pelas novas relações de produção industrial, estabelecidas sobretudo ~~em escala~~ a partir da emergência da circulação mais intensa dos fluxos de informação, de capitais e bens, possibilita uma pulverização de diferentes indústrias multinacionais e transnacionais pelo mundo. ~~Novas~~

Nesse sentido, não criadas também ~~novas~~ novas territorialidades em que o capital, em seu processo de reprodução, se expande tanto em profundidade (reordenando os modos de vida, já organizados e consolidados), como em extensão, através da incessante incorporação de novos territórios. Movimentos que dialeticamente conjugados conduzem à produção do que Harshaert vai denominar de um espaço global.

A fim de ilustrar tais territorialidades, destaca-se os ~~seguintes~~ seguintes exemplos: uma pessoa que trabalhe no Quênia durante seis

meses no ano e para outros seis meses na Alemanha. um executivo que
percorre o Brasil do mundo e, regularmente frequenta os mesmos hotéis,
mesmos cafés, mesmas empresas e mesmas estações de metrô; pesquisadores
acadêmicos percorrendo os mesmos laboratórios de pesquisa e as mesmas universi-
dades em diferentes países. São, portanto, exemplos de novas territorialidades,
que, através do estabelecimento de redes, se conectam formando multiferriti-
rialidades articuladas, ~~formam~~ assim, em territórios-rede.

Outro fator referente ao meio-técnico-científico e informacional que tem
influenciado na emergência de novas territorialidades, é a emergência de
conflitos territoriais globais, desencadeados sobretudo a partir do final da
Segunda Guerra Mundial, ganhando peso quando grupos étnico-passam a
reivindicar por seus territórios, principalmente a partir do fim da URSS.

Verifica-se, nesse sentido, a ascensão de diversos fluxos migratórios, incorporan-
do novas territorialidades e que, muitas vezes, estão articuladas em redes globais,
tendo como referência simbólica o território de origem, através de contatos reais
ou imaginários, dentro de uma perspectiva multiescalar de poder, onde são
estabelecidas, portanto multiferriti-
rialidades. Os imigrantes em diáspora, por
exemplo, não estariam desterritorializados, mas sim estabelecendo multiferriti-
rialidades através de uma multiplicidade como parte desse nova ferriti-
rialidade.

Em escala global, outro exemplo de território-rede, seria o terrorismo
global, em que a informação seria o vetor principal e fundamental, fazendo
uso de todas as multiferriti-
rialidades que o mundo contemporâneo manifesta:
desde a caverna, na montanha do Afeganistão e ao uso de campos de treina-
mento como territórios-zona, ~~os~~ ~~os~~ chegando também em células,
que seriam as casas de classe média de grandes metrópoles do mundo.

Verifica-se, através das análises apresentadas, portanto, que o meio técnico-
científico-informacional, não está desterritorializando as relações e processos,
mas sim está sendo acompanhado de um processo de novas territorialidades.
Não existe Homem sem território. O que se tem verificado, por outro lado, é a
precarização da territorialização humana (como no caso do semi-terto). E são
os precariamente territorializados que vêm sendo objeto de reclusão ferriti-
rial.

Entre os projetos de projeção da cidade global, o Rio de Janeiro se insere nesse contexto, sobretudo a partir da década 1990, quando ~~passível~~ observa a adoção de políticas políticas em que a cidade ganha um papel de mercadoria, estabelecendo-se nesse espaço medidas e intervenções voltadas para o empreendedorismo urbano onde, portanto, o objetivo ~~de~~ é atender as grandes corporações globais. Tais projetos envolvem megaeventos como foi o caso dos Jogos Pan Americanos, Olimpíadas e Copa do Mundo.

Apesar do país ter consolidado uma série de marcos regulatórios ~~que~~ que trazem em seu bojo a importância do direito à cidade, tais como o Estatuto da Cidade, A Lei Nacional de Saneamento Básico, a Política Nacional de Resíduos Sólidos e instrumentos como o Plano Diretor Participativo e a Política de Habitação Social, verificam-se um número crescente de populações urbanas excluídas e graves problemas socioambientais, entre os quais: falta de habitação, habitação precária, falta de saneamento básico, ~~contaminação~~ contaminação dos recursos hídricos, violência, falta de acesso a serviços básicos de saúde e educação.

Além dos problemas mencionados, verifica-se também nesses espaços urbanos que, além da exclusão aos serviços básicos mencionados e do direito à cidade, uma mercantilização não só da áreas centrais, mas também da natureza. ~~É comum, em muitos contextos, ocorrer a~~ verifica-se assim que, através da demarcação de áreas voltadas para a exploração de atividades turísticas, inserindo o país também nessa lógica global, excluí-se centenas de habitantes sob a justificativa que estes seriam os causadores dos problemas ambientais, marginalizando-os, mais uma vez, do acesso às áreas consideradas mais protegidas. ~~desta~~ Ressalta-se que o caso da demarcação de áreas protegidas ^{para fins lucrativos} vem afetando populações tanto em núcleos urbanos, como em áreas rurais, tais como: indígenas, quilombolas, caiçaras, ribeirinhos, etc. São exemplos ^{quilombolas} No maciço da Pedra Branca no Rio de Janeiro, os moradores caiçaras da Praia do Sono em Paraty, comunidade indígenas do Kingu e ~~sejam~~ pescadores artesanais em Jacuiporã, Maricá, todos sendo alvo de megaempreendimentos globais.

Observa-se que, apesar do Brasil ter conquistado lugar de destaque

nas relações econômicas globais, cabe uma indagação a partir do modelo de desenvolvimento proposto: ~~o~~ Desenvolvimento pra quem?

Nem sempre, seria interessante, por fim, a reflexão acerca do termo, conforme proposto pelo Geógrafo Carlos Walter Porto-Gonçalves: (Des)envolver, em que estaríamos, portanto, retirando o envolvimento e autonomia dessas populações com seus lugares de origem, regredindo - a ~~responsabilidade~~ tanto socioespacialmente, como socioambientalmente.